



## O QUE CABE NA SIGLA? DESIGNAÇÃO E CONTRADIÇÃO NA PROPOSTA LGBTQQICAPF2K+

Bruna Navarrina de Moura<sup>1</sup>

Ezequiel Nunes Pires<sup>2</sup>

No presente trabalho, tomamos como objeto de estudo a sigla LGBTQQICAPF2K+. Para isso, analisamos uma matéria publicada na revista *Alternativa L*, que nasceu voltada para a comunidade lésbica e logo identificou a necessidade de tratar sobre as outras identidades minoritárias de gênero e sexualidade. Assim, a revista feita por LGBT+ da zona leste de São Paulo propõe a conscientização de temas relacionados às mulheres lésbicas e a fortalecer a luta contra discriminações, sexismo, violências e injustiças acerca das relações de gênero e sexualidade. Como indica em notas da redação na edição 19, a revista “apresentará uma roupagem abrangente dentro da sigla LGBTIQ+ e atenderá 50% de suas matérias para o público L e os outros 50% distribuídos entre as outras letras”.

Dessa forma, nossa pretensão é analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso Pecheutiana, uma matéria dessa edição, que busca apresentar os significados dos nomes presentes na sigla LGBTQQICAPF2K+ (o que mobilizamos enquanto sequência discursiva). Tal sigla surgiu em discussões em fóruns da internet em 2018 por ativistas da comunidade, principalmente no Reino Unido, e propõe uma legenda mais extensa para o grupo de minoria de identidades de gênero que são dissidentes de um sistema cisgênero e heterossexual. No Brasil, com o surgimento do movimento homossexual (gay), foi criada a sigla GLS, depois atualizada para GLBT, posteriormente reescrita como LGBT, que passou a ser a sigla mais utilizada no país. Atualmente, percebemos essa importação da nova sigla, que desde sua criação foi alvo de diversos debates sobre o que caberia ou não estar presente e representado nessa comunidade da diversidade.

Sendo assim, objetivamos analisar o modo como a sigla e as designações das letras presentes nela se materializam discursivamente na matéria da revista. Dessa maneira, analisando as formulações presentes na matéria da edição 19, buscamos suscitar discussões sobre a produção de efeitos de sentidos. Para isso, analisamos os funcionamentos discursivos que perpassam a construção da sigla, as reescrituras das letras na significação de cada identidade, o discurso pedagógico que instrui, por meio de um glossário, o que e como é apresentado como sendo correto dizer e o efeito das orações subordinadas adjetivas no processo de designação.

<sup>1</sup> Mestranda do PPG Letras, na linha de Análises textuais, discursivas e enunciativas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CNPq. E-mail: bruna.navarrina@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestrando do PPG Letras, na linha de Análises textuais, discursivas e enunciativas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CAPES. E-mail: ezequiel.nunes@ufrgs.br.

Imagem 1 – Recorte da matéria



Fonte: Feliciano (2019)

A partir disso, colocamos em debate que, enquanto o acréscimo de novas letras às formas anteriores e o sinal da adição final pretenderem incluir o máximo de diferentes identidades na nova configuração, essas mesmas estratégias parecem sempre deixar algo escapar. Além disso, a constante mudança de definições e designações parece criar uma instabilidade, apesar de justamente propor estabelecer categorias estáveis. Com base em Guimarães (2003) e Zoppi-Fontana (2003) e seus estudos acerca da designação e espaços enunciativos e considerando, então, a designação como a significação de um nome em relação com outros nomes, propomos um primeiro gesto de análise sobre as reescrituras dos substantivos que se apresentam na sigla como uma letra.

As designações têm, em geral, um papel muito importante que não se reduz ao papel de indicar a existência de algo em algum lugar, nem mesmo ao de servir de rótulo para alguma coisa. Um nome, ao designar, funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

Dessa maneira, começamos a pensar no funcionamento da sigla como um nome. Vejamos, quando colocamos a sigla *LGBTQIAPF2K+* ao lado do substantivo *movimento* (termo utilizado para identificar um grupo que apresenta politicamente suas demandas por direitos, por exemplo), temos um termo - a sigla - que funciona como qualificação (adjetivação) do substantivo, como ocorre também em: movimento negro, movimento feminista. A principal diferença, nesse caso, é que enquanto os outros dois exemplos remetem a só uma palavra e funcionam ainda como identificação de um grupo bastante singular, a sigla é constituída de letras que remetem às palavras por extenso, que aí sim são também substantivos e carregam uma heterogeneidade. Assim, para além dos ideais, a sigla simboliza mais de um grupo de indivíduos, e, nesse caso, estes se reúnem a partir das identidades de gênero e sexualidades tidas como socialmente dissidentes e/ou que lutam por direitos sociais ainda não conquistados. Acerca disso, podemos observar que essa atual sigla, com uma legenda mais extensa, por exemplo, carrega também grupos de pessoas que apoiam tal luta por direitos. Assim, presenciamos descrições tais como Aliados e Família. Desse funcionamento, tentamos compreender como se dão as designações das letras da sigla, a disputa pelos

sentidos, e o litígio social evocado, considerando o funcionamento desses elementos nas relações sociais que acabam construindo e fazendo parte, ainda, o que comparece e o que não é dito.

Portanto, a partir da reescrituração - as descrições desses substantivos que os designam (referenciam) e os fazem significar -, podemos identificar dois funcionamentos: o de definição e o de indefinição de uma referência. No primeiro caso, de definição, há as construções das identidades com a reescrituração dos substantivos, em que o termo “pessoa” é acompanhado de um verbo que indica o comportamento sexual/ identidade de gênero ou sexualidade. No segundo, de indefinição, há o sinal de +, em que os sentidos possíveis não são reescriturados. Ou seja, para cada letra da sigla há um substantivo, e esse é caracterizado (descrito, designado), menos o sinal +. As reescriturações, portanto, colocam em jogo o que e como pode ser dito sobre a identidade de gênero e/ou sexualidade, o que é silenciado sobre esses dois aspectos da identidade do sujeito, uma didatização sobre o significado do termo e a cristalização acerca dos sentidos, que para além de termos/substantivos, são identidades que representam um grupo, e não somente uma pessoa. Colocando as “novas letras” na sigla (antiga LGBT), as designações nas reescriturações passam por 4 processos, em que podemos agrupar designações que se assemelham de acordo com a descrição de pessoa ali presente:

- a) Identidades construídas na perspectiva de gênero e sexualidade dissidentes de um sistema cisgênero, hétero centrado e binário, são elas lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transgêneros, queer e intersexo (LGBTQI);
- b) Identidades **não** construídas na perspectiva de gênero e sexualidade em **a** (acima) e que **não** são convencionais em um sistema moral do sexo, são elas questionando, assexual, pansexual /polissexual, 2 espíritos e kink (QAP2K);
- c) Identidades construídas na perspectiva de gênero e sexualidade **não** dissidentes de um sistema cisgênero, hétero centrado e binário, são elas curiosos e familiares/amigos (CF);
- d) Não há designação da identidade (+);

Ademais, cabe analisar esse discurso midiático presente na revista e que funciona como um discurso pedagógico (ORLANDI, 1983), pois busca ensinar aos interlocutores (leitores) como as coisas devem ser ditas, nomeadas, designadas, a partir de um glossário, o mais antigo instrumento pedagógico, segundo Auroux (2008). Segundo o autor, os glossários antigos se destinavam a palavras pouco conhecidas e/ou difíceis, “o que nos permite dizer que trabalhavam a opacidade do texto e esta opacidade era da ordem da oposição conhecidas/desconhecidas e fácil/difícil (MEDEIROS, 2015, p. 31). Esse mesmo objetivo parece presente em um tipo de glossário atual acerca da temática LGBTI+, colocando, assim, as questões de gênero e sexualidade no campo do desconhecido, não sabido, difícil, mas que também precisam ser apresentadas/desmistificadas. Sendo assim, esse discurso pedagógico que objetiva ensinar significados pode ser entendido como necessário socialmente para didatizar as questões de gênero e sexualidade, se traz as designações em uma lógica de que as pessoas não conhecem.

A matéria traz, ao lado de cada termo identificado na sigla LGBTQICAPF2K+ (ou mais de um termo, como veremos na SD1), a descrição de alguma forma de construção de sexualidade, sexo ou gênero. Com a sigla disposta verticalmente na página da revista, cada letra é seguida de uma descrição na forma de oração subordinada relativa restritiva, ou de forma que possa ser parafraseada com uma restritiva, tal como:

**SD1:** Lésbicas e gays: sentem atração sexual, física e afetiva por pessoas do mesmo gênero.

Sequência que, se posta em uma estrutura paralela às das demais definições, pode ser parafraseada como: *lésbicas e gays são aqueles que sentem atração sexual, física e afetiva por pessoas do mesmo gênero.*

Segundo Pêcheux ([1975] 1997), estruturas determinantes, como as restritivas, estabelecem uma relação essencial entre o sujeito da frase e aquilo que se diz sobre ele, como se o que é dito fosse uma descrição de um fato universal. É esse efeito de universalidade que faz Pêcheux retomar Henry (1975) com o conceito de pré-construído, aquilo que retoma um discurso anterior àquela enunciação, “*como se esse elemento já se encontrasse aí*” (PÊCHEUX, [1975] 1997), nós apenas descrevemos as coisas como elas são. Ou seja, colocar as diferentes letras da sigla descritas através das restritivas nos coloca essas definições como evidência: é *óbvio* que lésbicas e gays sentem atração por pessoas do mesmo gênero. Observando os efeitos de pré-construído nas sequências, começamos a questionar essas relações determinantes em relação umas às outras, as descrições das letras das siglas em comparação.

Adiante na sigla, temos a definição:

**SD2:** Bissexuais: é a pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os sexos e gêneros.

Segundo a SD acima, bissexual é aquele que se relaciona com pessoas de ambos os sexos e gêneros. A ocorrência de “ambos os sexos e gêneros” remete a um conhecimento prévio que somente considera dois sexos e dois gêneros como possíveis, reforçando uma lógica binária às possibilidades de sexo e gênero. Isso é reiterado na SD seguinte:

**SD3:** Travestis: é a pessoa que nasce do sexo masculino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico.

Ao descrever a identidade de gênero da travesti como “oposta”, esse enunciado também nos leva à lógica binária, na qual, se a pessoa nasceu “do sexo masculino”, ela só pode se identificar com o gênero feminino, aquele que “opõe” o masculino no sistema binário.

Já na SD contendo a descrição de pansexuais e polissexuais, temos:

**SD4:** Pansexual e Polissexual: alguém que sente atração independentemente do gênero da pessoa e polisssexual é quem sente por vários gêneros, mas não todos.

A referência a “vários gêneros” em polisssexual pode ir de encontro ao sistema binário que até então sublinha as descrições das letras, visto que “vários” pressupõe a existência de mais de dois.

Da mesma forma, a definição de assexualidade também se forma com a negação:

**SD5:** Assexual: é para todas as pessoas que não sentem atração sexual, ou seja, o sexo não faz parte de um relacionamento.

Além disso, na SD abaixo, a questão do gênero também parece ser aberta a outras possibilidades não binárias:

**SD6:** Queer/genderqueer (não-binário): é usado para pessoas cuja identidade de gênero não é nem inteiramente masculina nem inteiramente feminina.

Essa descrição já pelo nome (não-binário) vai contra do sistema binário que vinha sendo reproduzido. Assim como a pansexualidade, os não-binários são aqueles descritos através da negação, ou seja, em vez de serem “aqueles que X”, eles são “aqueles que não X”.

Em se tratando de sistema, Zoppi-Fontana (2003) aponta como as designações funcionam por meio da oposição de uma em relação à outra. Em relação à sigla, podemos dizer que, além da comunidade LGBTQQICAPF2K+ se pretender opor ao dominante heterocentrado, dentro da própria sigla, as letras se opõem entre si. Dessa forma, dentro da sigla se produz um sistema de valores como entendido em Saussure (2012). Linguisticamente, se criamos diferentes designações e, portanto, diferentes signos, esses signos necessariamente se opõem entre si, como é da natureza do signo: um signo é “a contraparte dos outros signos da língua” (SAUSSURE, 2012, p. 162) e “sua característica mais exata é ser o que os outros não são” (SAUSSURE, 2012, p. 164).

Por fim, a inclusão de mais letras na sigla propõe a inclusão de identidades tanto sexuais como de gênero ao mesmo tempo em que cria mais diferenças entre os indivíduos. A sigla, que se propõe inclusiva e busca representar a maior quantidade de identidades possível e uma comunidade em que rótulos não deveriam importar, apresenta definições identitárias que parecem operar sob um sistema que não só cria diferenças, como também as estabiliza. Essa última questão é efeito do próprio glossário, que põe em evidência a diversidade de identidades encontradas na comunidade e que são, através das designações, reafirmadas.

## REFERÊNCIAS

- FELICIANO, Ananda. O significado da sigla LGBTQQICAPF2K+. **Alternativa L**, São Paulo, SP, ano 5, ed. 19, nov, 2019.
- GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaços de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, Santa Maria, RS, n. 26, p. 53-62, jun. 2003.
- HENRY, Paul. Construções relativas e articulações discursivas. Trad de João Wanderley Geraldi e Celene Margarida Cruz. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19, p. 43-64, jul./dez. [1975]1990.
- MEDEIROS, Vanise. Um glossário contemporâneo: a língua merece que se lute por ela. **Revista Rua**, Campinas, SP, v. 18, n. 2, p. 20-33, nov. 2012.
- NUNES, José. H. Discursividades contemporâneas e dicionário. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009.
- ORLANDI, Eni. P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chielini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica. G. Identidades informais: contradição, processos de designação e subjetivação na diferença. **Organon**, Porto Alegre, v. 17, n. 35, out. 2003.